

# A cegonha, o corrupto e o ladrão

ROLF KUNTZ

JORNAL DA TARDE

\* 2 NOV 1993



CASSAÇÃO AJUDA,  
MAS NÃO RESOLVE. NÃO HÁ  
SOLUÇÃO FORA DA  
POLÍTICA BEM VIVIDA NO DIA-A-DIA.

do só condenou Collor porque ele se tornou insustentável. Lavar as mãos foi fácil, quando tantos estavam dispostos a concentrar no presidente e nuns poucos amigos a culpa de todos os males. Fetiche serve para isso. Muita gente o censurou como se ele houvesse enganado 39 milhões de eleitores. Com isso, a cassação se transformou num exorcismo: o mal foi afastado e a sociedade permaneceu, do lado de cá, íntegra e pura.

Mas quem está realmente do lado de cá? Além das vítimas de sempre, estão os principais beneficiários de safadezas cometidas em Brasília ou em qualquer outro centro de poder político-administrativo. Safadeza não se comete apenas com manipulação do orçamento. Embolsar verba pública, pelo assalto direto ou pela negociação de obra, é apenas o modo mais grosseiro de furtar o cidadão. Há muitas outras maneiras de produzir efeito parecido. Destruir o ensino público e entregar a educação a um cartel privado é uma delas. Manter incentivos fiscais de baixo retorno social é outra. A relação pode alongar-se facilmente. Importante é outro ponto: uma CPI como a do Orçamento não expõe apenas um lado podre da política institucional. Expõe um lado podre da sociedade.

Cassar políticos indignos pode ser gratificante, mas de corruptos não há escassez. Quem elegeu um pode eleger outro, igual ou pior. Ou financiar um golpe, se for mais prático. Nesse caso, como no tempo dos militares, apenas ficará mais difícil denunciar a corrupção. Não há mágica purificadora, nem solução fora da política bem vivida. Ou as pessoas aprendem a defender-se dos espertos do lado de cá ou não haverá CPI, no lado de lá, que salve os brasileiros. O resto é engano.

O AUTOR

Rolf Kuntz é professor do Departamento de Filosofia da USP



Brasileiro acredita em anjo-da-guarda, revelou uma pesquisa divulgada há uns dois anos. Não acredita na cegonha como entregadora de bebês. Cegonhas, porém, trazem políticos ao mundo. Em anos de eleições gerais, elas chegam em bando e em revoada, carregando no bico, embrulhadinhos, presidente, governadores, prefeitos, senadores, deputados federais, deputados estaduais e vereadores. Não há vínculo, portanto, entre a cédula introduzida na urna e a ascensão do político ao cargo público. Logo, ninguém é responsável pela presença de ladrões nos centros de poder.

Esta versão não é menos verossímil do que a conversa mole sobre como o governo vai mal enquanto a sociedade vai bem, ou sobre o contraste entre a imoralidade dos políticos e a pureza dos cidadãos. A hipótese da cegonha é compatível com a percepção de quem atribui aos políticos e burocratas todos os males do Brasil. Ou se acredita nisso ou se reconhece, de uma vez, a cumplicidade entre os ladrões do lado de lá e os do lado de cá. De engano pouco se pode falar. Alguns homens, admita-se, mudam depois de assumir o poder. Outros, dissimuladores competentes, podem ocultar seu caráter por muito tempo. Estes, porém, são exceções. Bandido levado ao poder chega lá, normalmente, amparado na esperteza de alguns e na ingenuidade de muitos.

A CPI do Orçamento, como a do caso PC, torna muito visível a malandragem de alguns políticos e burocratas. Falou-se menos, porém, do banditismo do outro lado. Apontou-se a participação de empreiteiras na preparação do orçamento, mas pouco se fez para investigar e expor oficialmente o lado privado da bandalheira.

Para a maioria das pessoas, tudo se passa como se houvesse um fosso entre o poder público e o interesse privado, como se os desmandos e manobras do político e do burocrata fossem um jogo fechado. Este é um aspecto significativo, e inquietante, de pesquisas como a divulgada pelo **Estadão**

no domingo. Elite e povo desconfiam dos políticos, dizia a manchete do jornal. Governo federal e Congresso são indignos de crédito para 52% da "população", segundo os dados. A "elite", aparentemente, é menos desconfiada: 30% dos consultados não acreditam no governo e 34% descreem do Congresso. A "população" tem um ponto de vista ligeiramente mais favorável aos empresários: apenas metade responde não acreditar neles, enquanto só 14% dos entrevistados de "elite" manifestam opinião negativa sobre os homens e negócios.

A "população" não confia no empresariado muito mais do que no Executivo e no Congresso, informa a pesquisa, mas o setor público, para a maioria das pessoas, parece um mundo distante, isolado e com defeitos próprios. Personagens entrevistados pelo jornal, um comerciante de 38 anos, um pintor de automóveis de 36, um office-boy de 17 e uma dona-de-casa de 46, manifestam opiniões parecidas a respeito dos políticos: desavergonhados e corruptos, são eles a grande causa dos problemas brasileiros.

Esse tipo de visão é duplamente perigoso: (a) tende a resultar numa desvalorização do processo democrático. Política vira sinônimo de sujeira. Se os políticos são indignos de crédito, raciocinam os simples, é melhor substituí-los por dirigentes confiáveis (os militares têm posição destacada nas duas listas, com 80% de avaliação positiva pela "população" e 90% pela "elite"); (b) obscurece o vínculo entre a política e os conflitos de interesses na sociedade.

As manifestações contra Fernando Collor mobilizaram cidadãos de todos os tipos, todos espumando de indignação. Mas quantos, de fato, poderiam dizer que foram surpreendidos com a corrupção e com a sujeira do governo? Os perplexos de sempre, sim. Não, certamente, a "elite", que sabia muito bem quem estava apoiando e por quê. Quando houve a farsa da enfermeira, no final da campanha, todos tiveram a dimensão do caráter de Fernando Collor. A indecência do lance era explícita, mas muita gente votou nele assim mesmo, ou talvez por isso mesmo.

A "elite" que o havia apoiava